

Giulia Alecrim

DIAS INTERMINÁVEIS

As diferentes perdas da pandemia



Giulia Alecrim

DIAS INTERMINÁVEIS

As diferentes perdas da pandemia



Giulia Alecrim

**Dias intermináveis:
as diferentes perdas da pandemia**

Trabalho de Conclusão de Curso
Universidade Presbiteriana Mackenzie

Dias intermináveis: as diferentes perdas da pandemia

Autora
Giulia Alecrim

Orientação
Prof^ª. Dr^ª. Patrícia Paixão

Diagramação e ilustrações
Eduarda Ramos

Este Trabalho de Conclusão de Curso não reflete a opinião da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Seu conteúdo e abordagem são de total responsabilidade de sua autora.

São Paulo, novembro de 2021.

Sumário

Sobre as motivações para a escrita desse livro	7
Capítulo 1: “É morrer de covid ou morrer de fome”	13
Capítulo 2: “Foi Deus que guardou a gente. Aqui foi só na base da fé”	19
Capítulo 3: “Tenho medo de não ser ninguém na vida”	28
Capítulo 4: “Não sei quanto tempo de vida tenho”	34
Capítulo 5: “Eu lutei tanto. Por que ele não lutou também?”	40
Capítulo 6: “É como se eu quisesse vomitar a tristeza”	47
Referências	53

A todos os brasileiros que foram prejudicados pela pandemia. Todas as perdas são válidas, cada uma com suas peculiaridades.

Sobre as motivações para a escrita desse livro

- Pessoal, hoje vamos analisar a narrativa utilizada pelos jornais para falar sobre a China. Dividam-se em duplas e separem três matérias diferentes, cada uma de um veículo distinto. Vocês têm até o final da aula para fazer isso, ok? - propunha a professora da disciplina de Jornalismo Internacional, voltando-se para a lousa, onde começava a escrever orientações sobre o exercício proposto, antes que alguém perguntasse novamente o que deveria ser feito.

Era a primeira semana do mês de fevereiro de 2020. Vivíamos o clima pré-carnaval. A sensação era de que o ano ainda não havia começado. A atividade proposta, à primeira vista entediante para uma aula de uma manhã de segunda-feira, me fez ler, pela primeira vez, sobre algo que surgira há pelo menos dois meses do outro lado do mundo. Justamente pelos milhares de quilômetros de distância envolvidos, e por se tratar de informações preliminares, ainda em processo de configuração, a notícia não me despertou interesse, assim como ocorreu com grande parte dos brasileiros.

Até então, as matérias nos nossos jornais referiam-se pouco ao país asiático, e, quando o mencionavam, citavam em sua maioria a relação econômica com os Estados Unidos ou casos de espionagem e roubo de dados: uma visão sempre muito ocidental. Em meados de novembro de 2019, alguns veículos começaram a falar sobre uma “pneumonia de etiologia desconhecida”, que seria causada por um vírus denominado “coronavírus”. Escolhi uma matéria sobre a doença que pouco depois começaria a assolar o sistema de saúde e a população italiana. Mas tudo parecia distante demais, mesmo em se falando da Itália. Até que um brasileiro vindo daquele país desembarcou em São Paulo na penúltima semana das comemorações de Carnaval e positivou para a covid-19, nome técnico dado à enfermidade causada pelo coronavírus. Mas uma única pessoa no país também não pareceu despertar grandes preocupações. As festas continuaram. A vida continuou. Mas não por muito tempo.

Na primeira semana de março, a ambientação de São Paulo começou a mudar. Fui uma das poucas alunas que compareceu à aula durante aquela semana, afinal, eu precisava ir para o trabalho de qualquer forma, depois da faculdade. Me lembro de achar estranho ver pessoas faltando, por causa de um vírus que avançava tão preliminarmente. Mande mensagem para alguns colegas, questionando as ausências. As respostas eram as mesmas.

- Você não vem mais para a aula? – perguntava.

- Minha mãe ouviu sobre o coronavírus na televisão e achou melhor eu não ir. É perigoso, parece que pode pegar pelo ar.

“Só age assim quem pode se dar ao luxo de ficar em casa sem motivo...”. Foi o meu pensamento displicente na época. Mas logo os fatos tratariam de me mostrar o contrário.

A covid-19 foi decretada como pandemia pela Organização Mundial da Saúde (OMS) um dia antes do meu aniversário, em 11 de março de 2020. Foi a última vez que encontrei algumas pessoas e comi em um lugar fechado. E a última vez que vivi um dia, sem me preocupar em morrer. Como comemoração, fui em uma hamburgueria perto da faculdade com meus colegas e ficamos de marcar de ir em alguma balada no final da semana. Nunca tivemos a chance de concretizar o plano. Depois de comer, decidi entrar em uma farmácia para comprar álcool em gel - já que nunca tive a necessidade de carregar um na bolsa – só porque parecia ser o principal a se adquirir no momento. Parecia muito cedo para máscaras. Até que tudo começou a fechar. As aulas na faculdade passaram a acontecer de forma remota e o trabalho virou home office. “Será apenas por uns quinze dias”, era o que todos diziam. “Por algumas semanas? Tudo bem”, eu pensava. “Até que é legal ficar mais tempo em casa, dormir algumas horas a mais, não precisar interagir tanto o tempo todo.”

Mas rápido demais tudo foi se mostrando mais grave do que o esperado. Na rua, não era possível ver pessoas circulando. Quando eu as via, elas estavam cobertas. Sem rosto, não podemos ver a alma. “Como será o sorriso por trás da máscara? Como será abraçar alguém de novo? Beijar alguém de novo?”

Viver virou um medo constante, e a cada número divulgado de casos positivos e mortes eu sentia pavor de entrar para a estatística. “Não quero morrer

assim. Não é justo. Eu tenho muito a realizar antes de ir embora.” Minha cabeça não parava de fervilhar.

Tudo ficou muito doloroso. A pandemia trouxe à tona a mistura das palavras empatia e egoísmo. Ao mesmo tempo que pensávamos tanto nos outros, não parávamos de pensar em nós mesmos. Um constante “preciso sair dessa”. “E não precisamos todos?”, eu pensava. “Sair dessa” foi o único e maior trabalho humanitário que cada pessoa pôde fazer para deixar o caos.

O tempo passou a caminhar lentamente. A impotência passou a gritar dentro de todos. Ninguém era capaz de fazer nada no início, além de esperar que a ciência construísse o caminho para a vacina. E por mais que essa fosse a trilha correta, também não parecia suficiente. “E se nunca sairmos disso? E se isso nunca acabar? É assim que vou viver minha vida?”

Paralelamente, as obrigações continuavam. Era preciso salvar o mínimo de racionalidade e equilíbrio possíveis para manter o empenho no emprego e na universidade. Um Trabalho de Conclusão de Curso precisava ser estritamente planejado, para ser bem concluído em 2021. E isso era infinitamente pouco perto das situações angustiantes que muitos viviam.

A covid-19 não afetou apenas os órgãos do corpo humano, mas a mente. O modo que pensamos e tudo que sentimos ficaram abalados. Nossos medos e inseguranças foram fortalecidos. Ensimesmados em nossos temores, nem sempre olhamos para pessoas que estavam sofrendo mais que nós. Ao escrever esse livro, recebi agradecimentos por ter parado para ouvir alguém. É muito triste pensar nisso.

Passei a evitar meu sofrimento pessoal pela sensação de ingratidão. Eu estava viva, enquanto tantos haviam morrido. “E por que eu entre os demais? Por que fui poupada?” Era um diálogo constante com quem estivesse me olhando de lá de cima. A fé sempre salvou tantas pessoas, mas antes de alcançá-la imergimos em imensas dúvidas.

A pandemia aumentou desigualdades e privilégios, e durante o ano de 2020, comecei a observar as mudanças na cobertura de mídia sobre a covid-19. Homenagens eram feitas diariamente para as pessoas levadas pelo vírus. Nomes eram lidos ao vivo e fotos expostas na programação. Mas quando uma matéria era veiculada para falar sobre as dificuldades de uma família, desencadeadas seja pela falta de renda ou trabalho, eu sentia meu

rosto queimar. Havia gente viva, mas sendo atingida pelo vírus de muitas outras maneiras. Era preciso dar mais visibilidade às outras perdas ocorridas na pandemia.

O jornalismo falou muito sobre as vítimas. O respeito, o cuidado e a apuração do luto ganharam uma dimensão nunca antes vista. O mundo se comoveu pelo pouco tempo que a humanidade passou a ter. Perdemos pessoas do dia para a noite, aprendemos a valorizar o pouco e passamos a ter paciência na expectativa de que tudo melhorasse. Mas e quando temos o luto de outra forma? Quando não perdemos alguém, mas algo?

Acredito que todos tenham tido um choque de realidade do que estava acontecendo em algum momento. Lembro de um dia específico, logo no início da pandemia, que um telejornal (onde matérias mais elaboradas e humanizadas eram veiculadas) mostrou uma reintegração de posse debaixo de um viaduto de uma estrada de São Paulo. Aquela “moradia” havia surgido depois que famílias tinham sido despejadas de suas casas. A Prefeitura emitiu o aviso, chamou a polícia, mas as pessoas não tinham para onde ir. Até que um trator passou a subir e destruir alguns barracos. Outros pegaram fogo. As pessoas estavam imobilizadas, esperando que o “serviço” acabasse. Depois, impassíveis, apenas tentaram achar os pertences que haviam restado nos escombros. Uma criança mostrou para a câmera que encontrou seu caderno da escola. Mas, àquela altura, nem aulas estavam acontecendo mais.

Os retratos da pandemia são dolorosos e diversos. Como telespectadora, deparei-me com muitas histórias, mas sempre de longe, o que despertou o desejo de me aproximar e ouvir aqueles que foram muito mais atingidos do que eu. “As pessoas precisam saber disso, e eu também preciso contar”, pensava.

Não existe essa história de “estar preparado para ouvir o outro”. É doloroso ouvir e é doloroso não ter o que dizer para quem mora na rua, para quem não sabe qual refeição fará no dia seguinte, para quem ficou depressivo e ansioso, para quem não tem perspectiva de vida, ou tempo de vida, ou companheiro de vida. Esses são exemplos das histórias que o leitor vai se deparar no decorrer dos textos aqui presentes. Esse livro me ensinou que a vida não nos espera. E para quem está aqui injusto seria reclamar. O que resta é agradecer pelo que sobrou.

O processo de escolha das perdas ilustradas no livro também é reflexo de

estatísticas e narrativas que tive contato através de leituras cotidianas nos jornais, mas que deixavam algo a desejar, seja pela falta de detalhes ou de perguntas que deveriam ter sido feitas. O jornalismo cotidiano, o chamado hard news, nem sempre tem tempo e orçamento para priorizar reportagens mais elaboradas, com apuração minuciosa e textos maiores. Isso influenciou na curiosidade de desenvolver perfis que representassem as diferentes perdas da pandemia, aquelas que, apesar de não ilustrarem o luto de quem se foi, representam o luto de quem perdeu o seu próprio chão. E, para a maioria, ele desabou.

A covid arrancou algo de todos nós, mas, para alguns, as perdas foram irreparáveis. O sofrimento tornou-se infindável e, com ele, o descrédito da possibilidade de resolução. As “duas semanas” iniciais previstas em março de 2020 viraram dias intermináveis.



Capítulo 1

“É morrer de covid ou morrer de fome”

“O dia mais difícil ainda não chegou.”

A frase reverbera pelas quatro paredes do barraco sem revestimento de uma comunidade do bairro da Várzea no Recife, em Pernambuco. As roupas coloridas estão penduradas no varal, o último preso entre os tijolos, que pode ser visto de qualquer ponto da casa. O barulho do ventilador, o cabelo longo e cacheado preso e o short jeans entregam o calor de 28°C daquele fim de tarde. O escuro da pele fica mesclado à pouca luz do ambiente. A criança de 1 ano e 8 meses finalmente dormiu, e o namorado Webster, que Karoline da Silva chama de marido, parece não dar muita bola para a conversa da mulher, que expõe os problemas que os dois enfrentam. Com apenas 18 anos, ela se juntou aos 125 milhões de brasileiros que acordam sem saber se terão comida no prato, que representam 59,4% da população que sofre com insegurança alimentar, de acordo com um levantamento¹ feito no final de 2020 pela UnB (Universidade de Brasília) e pela UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais), em parceria com a Universidade de Berlim.

Karol está sem trabalhar pela primeira vez desde que começou a querer ganhar seu próprio dinheiro, aos 12 anos. Primeiro, começou a vender água em frente ao atacadão, depois chegou a vender DVDs piratas – três por R\$10 – e até fez marmitta para vender em faculdades. O trabalho precoce não era por necessidade, alega, mas para poder comprar o que quisesse. “Querida ter meu próprio shampoo, já que em casa tínhamos que dividir o mesmo pote entre seis.” Também trabalhou com aluguel de brinquedos numa praça, até que com a ajuda da avó do namorado compraram um pula-pula de R\$700 para terem uma renda própria: passaram a faturar R\$3 por cada criança que pulasse por dez minutos. Pouco tempo depois da aquisição, descobriria a gravidez aos 16 anos.

Wendel foi planejado. O amor adolescente nutriu a vontade de gerar um filho. Ambos optaram pela tentativa e a felicidade da notícia transpôs qual-

quer preocupação por estudo e renda, na época inexistente. Tudo que ganharam para o chá de bebê foi doação de um centro espírita. Hoje, já não teriam outro filho. “Não vou botar outra criança no mundo pra sofrer”, diz. “No começo, é bonitinho, pequeno. Depois, vira um custo muito alto.” Quase dois anos depois, ainda não tiveram a oportunidade de concluir a escola. Karol parou no último ano do Ensino Fundamental II para cuidar do filho e não conseguiu voltar aos estudos desde então, mas tem o desejo de terminar a escola e fazer medicina para ser pediatra. Webster, aos 18 anos, está no primeiro ano do supletivo.

A gravidez precoce e o abandono educacional não foram novidades para a família. Sheila, mãe da jovem, engravidou pela primeira vez aos 18; uma irmã de Karol engravidou aos 14 anos – atualmente, com 23, está no terceiro filho, todos de pais diferentes, sendo que com o último ainda enfrenta violência doméstica.

Karol e Webster sonham diferente de qualquer outro integrante da família: caso deem continuidade, serão os primeiros a entrar no ensino superior ou até mesmo finalizar a escola. Os pais dela são separados há mais de 13 anos e a mãe trabalha como empregada doméstica e sustenta outras duas filhas – o rendimento mensal da família provém de uma renda de R\$140 dos serviços de faxina, R\$150 de auxílio-moradia recebidos da prefeitura depois que a casa numa ocupação foi destruída durante uma reintegração de posse, e o auxílio emergencial de R\$600, que parou de ser oferecido nos três meses iniciais de 2021 e depois baixou para apenas R\$375 (para mães que sustentam lares com duas ou mais pessoas). Já o pai, que está desempregado desde o início da pandemia, era servente de pedreiro e foi alcoólatra por cinco anos. Sóbrio há um ano, parou de beber apenas depois de ter um quadro de leptospirose e precisar ficar internado por 15 dias, logo no início da pandemia, época em que também pegou covid. “Ele descobriu que tinha hipertensão, mas o que o fez acordar foi já ter perdido três pessoas da família para a bebida: a própria mãe e os dois irmãos.”

Karoline quer dar ao filho o que ela não teve. “Meu sonho é ser um exemplo pra ele. Não quero que ele cresça com pais desempregados, sem estudo, em uma família desestruturada como a minha, senão ele pode ser desestruturado também.” Ela não quer ser o reflexo do que a mãe foi. Em 18 anos, nunca ouviu um “eu te amo” materno. Para o filho, fala todos os dias. A falta

de afeto na infância levou-a a ter uma atitude diferente na criação do filho. De um parto humanizado, sem anestesia e interferências, Wendel nasceu no chuveiro, prematuro de oito meses, mas saudável. “Queria ser a primeira pessoa a segurá-lo, a dar banho nele.”

Mas por pouco não foi. Ainda menores de idade, Karoline e Webster não poderiam dar entrada no hospital sem um responsável. Em vez de chamar a família, ela optou por uma amiga da igreja que frequentava. “Minha família não é do tipo que você liga pedindo ajuda. Minha mãe nunca ofereceu nada pra mim e meu filho. Conseguimos roupas e berço para ele através das doações do centro espírita.”

E isso repercutiu na depressão pós-parto. “Não queria que ninguém o segurasse. Tinha medo. Tinha vergonha de falar pelo que estava passando e sentindo. Eu só chorava. Às vezes eu nem dormia, para ficar observando ele, com medo que alguém o levasse embora.” A libido diminuiu e também as relações sexuais. “Não tenho vontade nenhuma. Webster diz que vai me esperar. Perguntam se não tenho medo dele me trocar por outra, mas ele é caseiro. Já falamos que não vamos ter mais outro filho, não temos estrutura para aumentar esse custo. E não quero meu filho crescendo com os pais que ele tem agora, quero voltar a estudar. Mas neste momento, ou a gente se sustenta ou a gente estuda. Eu quero ser um exemplo pro meu filho... E nesse momento eu não sou.”

Karoline passa pela linha do tempo sem demonstrar abalo. A entonação é a mesma, seja para dizer que já chegou a ter apenas um pacote de bolacha para comer no dia, seja para contar da relação com o filho. A maturidade exigida ainda cedo também fez com que o normal fosse esperar o tempo todo pelo pior. Com o auxílio emergencial recebido apenas por Webster, que parou de ser oferecido pelo governo federal em dezembro de 2020 e retornou apenas em abril de 2021, o casal ficou sem dinheiro para terminar de construir o barraco em que morariam. Com isso, Karoline precisou ir morar com o pai, levando Webster e Wendel. Ela nunca conseguiu ter acesso próprio ao auxílio emergencial e nem ao Bolsa Família.

Karoline não sabe comparar o quanto faturava antes e depois da pandemia com o pula-pula, mas sabe apontar o quanto deixou de ganhar. Num bom final de semana, quando a praça lotava de crianças, o casal chegava a arrecadar R\$180. Em um mês, faziam em torno de R\$700 e “viviam bem”.

Hoje, tem dias que não fazem nada, ou se muito fazem durante o movimento do final de semana, voltam com R\$20 pra casa, o que multiplicado por quatro semanas, dá R\$80. A renda familiar caiu 85%, índice muito pior do que a média apontada por uma pesquisa da Fundação Getúlio Vargas², divulgada em junho de 2021. O estudo mostra que para a metade mais pobre do país a renda caiu 20,81%. Karol nunca parou para fazer as contas exatas de quanto ganha. “Não tinha como eu guardar dinheiro. Eu estava sempre pegando e pagando conta, comprando as coisas dentro de casa. Eu nunca parei pra contar”. Para comprar comida durante a pandemia, precisaram pedir à família, sobretudo à avó. Também pegaram dinheiro emprestado com vizinhos.

Pernambuco começou a colapsar pela primeira vez no início de março de 2021, depois de um ano de pandemia. Na época, o estado decretou, inicialmente, quarentena de 15 dias. O serviço não essencial passou a funcionar com restrições. Karoline tentou a sorte e chegou a ir trabalhar no dia em que as novas regras passaram a entrar em vigor. Depois que a polícia chamou sua atenção, preferiu não arriscar mais. O casal faz parte dos mais de 34 milhões de trabalhadores informais do Brasil e também dos 14,8 milhões de desempregados, índice que bateu recorde³ durante a pandemia.

A expectativa de fechamento temporário de atividades por apenas 15 dias foi frustrada com as sucessivas renovações semanais do decreto de medidas contra a pandemia, enquanto o país sucumbia por falta de socorro e atingia o auge da segunda onda com a incidência da variante P1, identificada inicialmente em Manaus (AM) e depois se espalhando pelo país.

Foram dias e dias sem faturamento, sem saber quando poderia voltar ao trabalho, sem imaginar que o período de quarentena se prolongaria ainda mais. “Nesses 15 dias do novo decreto não saberemos se vamos ter janta, almoço ou café.” E a sorte dela é ter o leite do peito pra dar para o filho, se o alimento faltar. “É uma preocupação a menos, mas ainda preciso me virar pra conseguir dar tudo pra ele.” Fazer o quê? Ela não tem como trabalhar. “É morrer de covid ou morrer de fome”, Karoline diz, sem se abalar. “Qual é a mãe que vai levar o filho pra uma praça sabendo de tudo o que estamos passando? Algumas levavam e eu dava graças a elas, mas ao mesmo tempo ficava triste porque estavam se arriscando indo até lá”. O depoimento e a dificuldade expressados referiam-se, à época da entrevista, àquelas duas pri-

meiras semanas de insegurança e ansiedade. Mas o estado de Pernambuco parou por 45 dias.

Aos 18 anos, ela é obrigada a deixar de lado a prioridade dos estudos e lidar com o que nenhuma menina da sua idade deveria enfrentar. Karoline nem ao menos se permite sentir medo. “Todos os dias tenho que levantar como se nada tivesse acontecido para eu não me desanimar ou não deixar a depressão bater. Minha esperança está apenas em Deus.”

Para levantar uma renda mínima enquanto não consegue trabalhar, Karoline pensou em começar a vender doces, mas desistiu pela concorrência na região e pela falta de dinheiro – não teria o suficiente para comprar ingredientes.

Ela não sente pudor de falar dos obstáculos encontrados, pelo contrário. Não tem vergonha de admitir que passa necessidades. “Webster diz que eu não deveria falar sobre o que estamos passando para os outros. Mas eu preciso conversar com alguém.”

Karoline sempre ansiou pelo futuro da sua família. Ela só não esperava que a pandemia fosse tornar tudo tão mais difícil. A menina, mãe e esposa já sabia que o dia mais difícil ainda não havia chegado. E para quem já passou fome e precisa escolher entre trabalhar para não morrer de fome ou pegar covid, um mês que seja parece ser interminável.



Capítulo 2

**“Foi Deus que guardou a gente.
Aqui foi só na base da fé”**

O azul do céu e os raios de sol daquela manhã de sábado de junho de 2021 faziam com que o cinza do viaduto Bandeirantes, localizado no bairro nobre de Moema, na zona sul de São Paulo, passasse despercebido. Pela avenida que corta a estrutura de pouco menos de 200m, passam cerca de 160 carros por minuto no horário de pico. O alto fluxo faz a invisibilidade de quem ali habita gritar. Os que passam dentro do conforto de um veículo, muitas vezes a caminho do trabalho ou de um passeio, destoam dos que estão embaixo do viaduto, vivendo de forma degradante, pela não garantia do seu direito à moradia digna, na maior cidade do país.

Quem, como eu, chega ao local para entender melhor aquela realidade, logo tem seu olhar atraído pelas muitas barracas e os tapumes picados, que tentam oferecer privacidade a quem já está exposto e vulnerável. Não há proteção contra o barulho dos carros e nem contra a luz. À espreita, dois cachorros amarrados a uma grade verde latem para avisar os moradores da presença estranha. Fora do perímetro da grade, há cadeiras espalhadas pela calçada, que trazem pessoas sentadas conversando. Em outros pontos, há quem durma no chão, à espera de uma barraca vazia ou de um espaço junto aos demais. Não há parede e nem teto, apenas uma área de aproximadamente 60m² de chão plano nas duas extremidades do viaduto, cortadas pelo asfalto. Ali, 19 famílias encontraram um jeito de se instalar e chamar a rua de “lar”.

“Cheguei aqui há sete anos, depois de a Prefeitura destruir minha casa para construir o monotrilho”, relata Luzia Souza dos Santos, 57, moradora mais antiga do local. A mulher pequena, de cabelo curto e vermelho e olhos delineados por lápis preto, é considerada como “mãe” por todos que estão ali, por ter o papel de organizadora.

Luzia entrou na conta das mais de 10 mil famílias despejadas da região da Água Espriada, que compreendeu mais de 50 favelas ao longo de seu surgimento, em 1945, e que também está no perímetro de bairros nobres da

cidade, como Brooklin e Campo Belo. Até o ano de 2020, foi previsto pelo Observatório de Remoções⁴ que outras 8 mil famílias seriam ameaçadas de despejo na área. O número de comunidades só passou a cair a partir de 2010, ano em que a Linha 17 Ouro foi anunciada. A obra da via elevada, que teve início em 2012, só foi possível com a desapropriação de comunidades no entorno do córrego. Mesmo 11 anos depois do anúncio, com diversos atrasos e denúncias de corrupção, não há previsão de finalização e entrega do empreendimento. Ao todo, sete favelas foram totalmente removidas da região para que o monotrilho fosse construído. A promessa era divulgada como interesse público pela melhoria na mobilidade da cidade. Mas esse “benefício” deixou Luzia sem ter para onde ir. “A prefeitura paga um auxílio aluguel de R\$300. Não existe aluguel nesse preço. Por isso, precisei vir pra cá”, explica.

Ela conta que, desde o início da pandemia, cerca de seis famílias passaram a morar no local, a maioria com dificuldade em pagar moradia por falta de renda e trabalho. “Tem muita gente aqui nessa situação”, responde Luzia, voltando-se para um grupo de mulheres que estavam conversando do outro lado da calçada.

- Fernanda, vem aqui dar entrevista pra essa moça – ela grita para a amiga, referindo-se a mim.

- Vem sentar aqui – me convida Fernanda, 36 anos, com um sorriso no rosto - Vou pegar mais uma cadeira pra você.

De costas para buscar a cadeira, admiro seus longos cabelos pretos, que batem na cintura.

- Aceita café? Tem bolo também – me pergunta, de prontidão para falar sobre o que fosse preciso, sem em nenhum momento questionar o assunto da conversa.

Fernanda de Oliveira Torres Silva também é uma das moradoras mais antigas do viaduto. “Cheguei aqui um pouco depois da minha mãe, há sete anos, depois que separei do pai dos meus filhos”, diz, referindo-se à Luzia, apesar de não serem parentes de sangue. “Consegui sair por um tempo, depois de arrumar um emprego e alugar um barraco, mas perdi tudo durante uma reintegração de posse da Prefeitura e também fui demitida, então precisei voltar em 2018. Aqui comigo, tenho meus sete filhos.”

- Você planejou todos eles? - pergunto.

- Eu não me protegia né? Então posso dizer que a partir disso, eu sabia o que poderia acontecer - responde.

E ela continua a me contar sua história. “Eu saí de casa aos 16 anos para morar com meu ex-marido, e aos 18 engravidei do meu primeiro filho. Hoje me arrependo muito de não ter continuado em casa e terminado os estudos.” Ao sair de casa, Fernanda cortou contato com o pai, que a chamou para voltar para casa quando soube que ela e os filhos estavam morando na rua. “Mas não tem espaço pra gente lá. Ele já é um homem de idade, eu tenho um monte de criança pequena. Eu só vou sair daqui se for pra ter um canto meu, ter minha vida. Eu tenho que me virar com o que eu arrumei, entendeu? Meu pai não tem nada a ver com isso”, explica.

Morar na rua faz com que empecilhos normalmente enfrentados por muitas pessoas durante a pandemia se tornassem um abismo de dificuldade. Por não ter residência fixa, Fernanda e os demais sofrem preconceito e não conseguem arrumar empregos formais. “Todo mundo aqui faz bico, mas durante a pandemia não conseguimos mais nada. Foi muito tempo nessa dificuldade, principalmente porque aqui a gente vive de doações, que costumam ser semanais, então os voluntários pararam de vir por um tempo, com medo de contaminar a gente. Sofremos muito por isso, não tínhamos o que comer”, conta.

Entre os cerca de 30 moradores, a maioria faz bico com reciclagem ou vendendo balas e demais objetos no sinal. “Aqui tem muita gente que vem de longe pra arrumar trabalho e, quando não consegue, acaba ficando na rua. Ou então tem pessoas que moravam de aluguel e pararam de conseguir pagar.”

Durante a pandemia, o número de pessoas que passaram pelo viaduto pedindo comida e um espaço para dormir por um tempo aumentou consideravelmente. Os que saíam, era porque haviam retomado contato com a família. Recentemente, Fernanda conseguiu o contato de três casas para trabalhar como doméstica. “O pessoal da ONG, que nos ajuda com as doações, que me indicou. Se não fosse indicação, eu não conseguiria. É só a gente falar que mora debaixo do viaduto que já olham torto, acham que vamos roubar alguma coisa, que somos usuários de droga. Mas aqui só tem família. Ninguém usa droga, e se quiser usar, tem que ser longe”, explica, acrescentando que cobra R\$120 por faxina.

A pandemia prejudicou ainda mais os filhos de Fernanda e as demais crianças que moram ali embaixo. Sem acesso à internet, computador ou celular, eles ficaram sem poder assistir às aulas. “Eles ficaram muito tempo sem estudar e agora que as aulas voltaram eles estão completamente perdidos. Perderam o ano inteiro”, explica Fernanda. A estrutura do estudo, com mesa, cadeira e materiais no horário fora da escola, é oferecida por uma equipe da Igreja Universal do Reino de Deus. “Todos os dias, eles buscam as crianças aqui de manhã. Dão banho, dão comida, e oferecem ajuda com a escola”, diz.

Os adultos que desejam tomar banho dependem da doação de baldes com água. “Geralmente pegamos no posto. Mas não falta. Tomamos todos os dias.”

O medo da contaminação pelo novo coronavírus também abalou os moradores do viaduto. Preocupados, sem acesso à assistência médica e à devida higiene, viam o aumento constante do número de óbitos e se assustavam, temendo serem os próximos. “Ficamos em estado de choque, porque a gente não sabia como seria se alguém aqui pegasse (a covid). Foi Deus que guardou a gente. Aqui foi só na base da fé. A gente precisa segurar toda essa família aqui”, diz referindo-se a todos no local.

Os moradores têm uma rotina de trabalho com bicos, saindo pela manhã e voltando no início da noite. As crianças, fora do período da escola, podem fazer uso de uma brinquedoteca improvisada, com diversos brinquedos doados. No centro do chão frio, há também uma cozinha improvisada, com geladeira e fogão antigos. Não é possível ver por onde ou como são ligados. “Cozinhamos tudo aqui, pra todo mundo. Até temos a preferência de receber tudo cru e fechado, pra fazermos aqui. As marmitas são individuais e duram apenas um dia, por isso nem sempre resolvem e às vezes podem até acabar estragando, já que passamos o dia fora. Mas pouco pra gente sempre é muito”, explica Fernanda. “Priorizamos a mistura e o leite, por conta das crianças.” Qualquer dinheiro que os adultos consigam juntar é dividido para comprar comida e outras pendências da semana.

O pouco que raramente sobra do dinheiro de Fernanda é utilizado para a compra de materiais de construção. “Estou tentando sair daqui. Já conseguiram para mim um espaço lá em Osasco [município da Região Metropolitana de São Paulo], numa ocupação. Só preciso agora arrumar os madeirites

para poder construir o barraco. Não é fácil nem barato.”

Viver na rua é estar o tempo todo sob alerta. Não há comodidade possível. Apesar de cada uma das famílias do viaduto terem acesso a uma ou duas barracas para dormir adquiridas através de doações, não é incomum a Prefeitura aparecer de repente para tentar dispersá-los e reter as barracas. “No início era muito difícil ficarmos aqui. Tivemos que brigar. Era só a gente colocar as barracas na rua que eles vinham tirá-las de nós. Levavam nossa alimentação, tudo, tudo, tudo. Ficávamos dois ou três dias sem nada, sem ter onde dormir, sem ter onde comer, até novas doações chegarem.” A Prefeitura também tentava levá-los para albergues durante o dia, mas Fernanda argumenta que era sempre de forma momentânea. “Só dá para dormir lá. Onde as crianças vão ficar o resto do dia inteiro?”. Ela conta que só foram deixados em paz depois de um representante de uma Organização Sem Fins Lucrativos, que os auxilia com doações, ir à Justiça. “Mas eles sempre reaparecem por aqui para ver se estamos pelo menos deixando o ambiente limpo. Na época de frio, ninguém aparece”, conta.

Graças à estrutura das barracas, que são grandes e impermeáveis, Fernanda diz que eles não costumam passar frio. “A igreja e as ONGs sempre trazem bons cobertores pra gente, casacos quentes.”

Ela é interrompida por um dos filhos. Ele avisa que amanhã é aniversário dele. “É amanhã, né, meu amor? Vai fazer 12?”. “Treze”, ele responde, depois de sair correndo para voltar a brincar com os irmãos mais velhos. Ela o observa com um grande sorriso no rosto. “O meu mais velho tem 17.”

Em todo seu discurso, não houve reclamação, tristeza ou qualquer tipo de arrependimento ou ingratidão. Fernanda, assim como a maioria presente, tem fé e não lamenta pelo tempo difícil que teve como ápice, para eles, o início da pandemia. “Nossa única questão é que estamos na rua. Mas estamos em família, vivemos bem. Temos controvérsias como todo mundo”, diz. Ela acrescenta que não está onde gostaria, mas agradece a Deus pelo que tem. “A gente só dá valor quando a gente passa por situações pela que eu estou passando hoje, mas não reclamo. Agradeço a Deus todos os dias por tudo, até por problemas, porque Ele dá força a todo momento para a gente não desistir. A única coisa da nossa vida que não tem solução é a morte.”

A pandemia, além de ter agravado a situação de quem já morava na rua, tirou muitas pessoas do lar. Enquanto a frase “fique em casa” era reverbe-

rada mundo afora, pelo menos 22 mil famílias foram despejadas de seus domicílios e mais de 91 mil estão sob essa ameaça, de acordo com dados da “Campanha Despejo Zero”⁵, compilados até agosto de 2021. Apesar do Congresso Nacional ter aprovado a suspensão dos despejos por atraso de aluguel até 31 de dezembro de 2021 (projeto de lei nº 827, de 2020, do deputado federal André Janones (AVANTE/MG), a medida vale apenas para aquelas ocupações ocorridas antes de 21 de março de 2021.

O projeto de lei, que surgiu no Senado logo no início de abril de 2020, não foi rápido o suficiente para evitar que Ana Paula dos Santos, 41, fosse despejada do seu apartamento no bairro do Jabaquara, zona sul de São Paulo. Doméstica, ela foi despedida por causa da pandemia, o que fez com que não fosse possível pagar o aluguel do mês de março de 2020, um mês antes da PL entrar em vigor.

- O aluguel está atrasado, não dá mais para vocês ficarem aqui!

A frase do inquilino do imóvel onde Ana pagava R\$800 de aluguel há quatro anos foi sentida como um tapa na cara.

- Mas e a pandemia? – ela questionou.

- Isso é problema do governo. Eu preciso da minha renda – respondeu o dono do apartamento.

Sem ter para onde ir, Ana vendeu os móveis que tinha e foi com os cinco filhos para debaixo do viaduto Bandeirantes. “Deus sabe de todas as coisas e se Ele deu isso pra gente é por que tem algum propósito”, pensou consigo mesma. “A gente passa por dificuldade para aprender a também ver as dificuldades das pessoas. Quanto temos casa, não vemos nada que o povo passa. Está sendo um aprendizado para mim”, afirma.

Além de Ana fazer parte da estatística de pessoas despejadas durante a pandemia, ela também está no aumento expressivo, mas não oficial, de pessoas em situação de rua. O último censo⁶, realizado pela Prefeitura de São Paulo em 2019, contabilizava 24.344 mil pessoas (crescimento de 53% em quatro anos). O dado, porém, não considerava quem morava dentro de barracas (como é o caso das 19 famílias do viaduto) e, apesar de não estar atualizado, basta sair à rua e ver com os próprios olhos: a necessidade dos outros é gritante. As súplicas estraçalham qualquer um que se depare com os inúmeros cartazes de “estou com fome” ou “procuro emprego”, em semáforos

e outros lugares públicos da cidade. Esse é um dos retratos mais dolorosos de quem sobreviveu à pandemia. Perder a casa é perder o chão.

Já em nível nacional, de acordo com levantamento do Ipea⁷ (Instituto de Pesquisa Aplicada) divulgado em junho de 2020, o número de pessoas em situação de rua era de 221.869 mil até março de 2020.

Ao chegar no viaduto, Ana começou a fazer bico de reciclagem e passou a fazer em média R\$80 por semana. A reciclagem, para ela, é como qualquer outro trabalho. “Aqui a gente não pode ficar esperando que as pessoas venham ajudar a gente, porque nem sempre elas vêm”, diz Ana, encarando o movimento ao redor com os olhos pequenos e cerrados. Seu tom de voz é extremamente frágil.

Ela fala com tristeza sob o olhar de uma pessoa que sempre teve uma casa para morar. “Não me sinto em paz. As pessoas nos olham com indiferença, porque moramos na rua, algumas passam de carro e nos xingam. Tem gente que acha que estamos nessa situação, porque somos preguiçosos e não queremos trabalhar. Eu trabalhava. Eu tinha carteira registrada. E hoje eu não tenho mais”, diz.

Tudo o que essas pessoas possuem, inclusive a vida, pode ser perdido do dia para a noite. “Fico com medo de alguém fazer alguma maldade, tacar fogo na gente. Tenho medo de algum agente social levar meus filhos. Não somos usuários de droga, somos famílias que perderam suas casas. Sem opção, optei por morar na rua. Se não, vou viver do quê? É muito difícil conseguir ajuda do governo”, desabafa.

Um de seus filhos é uma menina de 14 anos que sofre de autismo e retardo mental, o que exige duas medicações mensais que beiram os R\$700. Ana Paula recebe do governo o Benefício de Prestação Continuada (BPC) no valor de um salário mínimo, oferecido para quem tem filhos com deficiência, e que vai todo para a medicação da adolescente. Apesar de frequentar a escola, a menina ainda não foi alfabetizada. Como ela toma três comprimidos por dia, é necessário comprar mais de uma caixa por mês. “Já tentei o medicamento pelo SUS (Sistema Único de Saúde) mas não está disponível. Também entrei na Justiça para tentar gratuidade, mas se eu fosse depender disso, ela estaria sem o remédio há anos”, relata.

Ana reforça para os seus filhos a importância do estudo. Ela, que comple-

tou o ensino médio, sonha em cursar gastronomia. “Sem estudo você não vai para lugar nenhum. Você não consegue nada.”

O dinheiro que sobra da reciclagem e do BPC também é guardado para uma futura casa. “Eu brinco com a Fernanda que nós duas vamos comprar um terreno”, diz Ana. “Eu e meus filhos tentamos guardar alguma coisa. Foi uma vergonha para nós o despejo. Quero ter uma casa para não passar por isso de novo. Pra mim, não é um problema estar aqui, vejo como algo temporário. No futuro, se eu tiver uma casa e ver uma pessoa passar uma dificuldade, eu acho que eu abro a porta da minha residência para ela entrar”, finaliza.



Capítulo 3

**“Tenho medo de não ser
ninguém na vida”**

Os olhos verdes grandes e curiosos, o cabelo castanho claro e liso e a blusa vermelha justa, de gola alta e manga longa com a inscrição “*New York*” – daquelas que encontramos em todas as lojas de *fast fashion* – fazem contraste com a parede rosa magenta do quarto da menina. À vista, apenas a janela com grades onde é possível ver o rastro de um céu cinza com mais casas ao fundo, e abaixo da janela, a cama feita. De cara, o sorriso inocente e metálico de aparelhos de uma adolescente, capaz de esconder qualquer informação passível de leitura facial.

Kayane Bezerra, 17 anos, tem medo. Medo do futuro, do vestibular, da vida adulta que é consequência do resultado de uma única prova. Medo de não ser ninguém. Sem estudo, sem sustento, sem vida.

A ansiedade e a preocupação de estar no último ano do ensino médio aumentam à medida que a data do ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) se aproxima. Ela enfrenta a mesma insegurança da maioria dos alunos que se preparam para tentar uma vaga na faculdade.

Aluna da rede pública, Kayane tem consciência de que pode estar passos atrás em relação aos estudantes da rede privada, no que se refere ao conteúdo que lhe foi ofertado. Pior: não esperava a chegada de uma pandemia que iria aumentar essa desigualdade.

A aluna da Escola Estadual Victorio Fornasaro, em Carapicuíba (SP), sente medo do impacto das aulas remotas em sua educação. Ela faz parte dos 75% de estudantes da rede pública paulista que estão tristes, ansiosos ou irritados, de acordo com pesquisa realizada pelo Datafolha⁸ em agosto de 2020.

Acostumada ao modo presencial de ensino, com cerca de 20 alunos em cada sala, a estudante se lembra de quando o colégio anunciou a suspensão das aulas, temporariamente, por conta da covid-19. “Na época, já estavam comentando na televisão sobre a pandemia e alguns alunos e professores já

tinham deixado de ir para a escola, mas eu continuei indo. Até que um professor disse que a escola fecharia um tempo, não sabiam ao certo quanto, talvez em torno de 40 dias. Mas já estávamos tendo proteção a mais na escola, já tinham colocado álcool gel e mais sabonete nos banheiros.”

O que era para durar 40 dias se transformou em um ano e meio de angústia. Kayane precisou ficar em casa e passou a ter aulas online – não com seus professores e seus colegas, mas com uma turma virtual de, em média, 10 mil alunos. O governo de São Paulo desenvolveu o aplicativo CMSP (Centro de Mídias de São Paulo), que reúne toda a rede pública estadual nas mesmas salas virtuais. Apesar do alto número de estudantes, um levantamento do Tribunal de Contas do Estado de São Paulo⁹ apontou que metade dos alunos da rede pública não acessou as videoaulas ao longo dos primeiros dez meses de pandemia, o que corresponde a 1,67 milhão de estudantes. Já em nível nacional, 4.3 milhões de estudantes entraram na pandemia sem ao menos ter acesso à internet, de acordo com dados do IBGE divulgados em março de 2021. A evasão no país também aumentou para 5 milhões de crianças e adolescentes, conforme dados do PNAD¹⁰ (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios) de 2020.

Se Kayane tiver uma dúvida, não existe a possibilidade de um chat aberto para escrever: ela precisa levar o questionamento para algum professor da sua escola, que repassará ao docente do aplicativo. “Eu sinto muito descaso. Na rede particular eles continuam tendo conteúdo. Isso vai me prejudicar muito”, desabafa.

O Brasil foi o país que manteve por mais tempo as escolas fechadas no mundo, de acordo com o relatório de 2020 da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE): foram 178 dias, em média, sem atividades presenciais. No estado de São Paulo, onde Kayane mora e estuda, o número é ainda maior: 240 dias, entre os meses de abril e novembro. Apenas em fevereiro de 2021, poucas escolas retornaram ao regime híbrido. Em abril, as instituições de ensino passaram a aceitar 35% da capacidade do corpo discente. Mas Kayane alega que ela não pôde ir à escola nessa época. “Só estavam aceitando alunos que não tinham acesso às aulas em casa, através de computador ou celular, ou aqueles que precisavam ir à escola para se alimentar. Apenas em agosto de 2021, o governo estadual permitiu a volta de 100% dos alunos.

E pela dificuldade de aprendizado a distância, o conteúdo ministrado acabou se tornando uma revisão permanente, impossibilitando o avanço para novos assuntos. Antes da pandemia, Kayane tinha seis horas de aula por dia. Agora, são apenas duas horas e meia. Matérias como Artes e Filosofia foram retiradas da grade, que passou a contar apenas com Português, Matemática, Física, Química, História e Geografia. O espaço foi preenchido pelo “Projeto de Vida”, um momento em que os alunos se reúnem com os professores para conversar sobre o futuro e sobre o curso que desejam estudar na faculdade.

A seis meses do vestibular, Kayane nunca teve aula de redação. Ela sente um desânimo por parte dos professores que, segundo ela, aparentam não estar preocupados com a aprendizagem dos alunos. “Os conteúdos que passam são diferentes dos exercícios que precisamos fazer. São coisas que não estamos vendo, coisas sem fundamento, que precisamos pesquisar em outros lugares para entender. As pessoas estão sem ver aula, sem aprender nada, e ainda assim passam de ano.” Um parecer aprovado pelo Conselho Nacional de Educação¹¹ (CNE), em julho de 2020, orientou as escolas a evitarem reprovar os alunos durante a pandemia. A medida apenas aumenta o problema do aprendizado já enfraquecido e faz com que o aluno seja prejudicado ao entrar em um novo ano escolar sem ter estudado o que precisa.

Kayane também reclama da pouca evolução e adaptação dos professores e das aulas durante o ensino remoto. Tanto em 2020 quanto em 2021, não houve mudanças e os conteúdos continuaram a ser exigidos de maneira não condizente com as aulas. Mesmo com os estudantes da escola de Kayane pedindo para terem aulas com os professores de sempre, a direção alegou que eles precisavam seguir o protocolo do Estado e continuar com as aulas pelo aplicativo, juntamente com toda a rede de ensino.

A insegurança em relação ao ensino oferecido pelo Estado a fez iniciar um cursinho popular, estratégia adotada por muitos alunos que desejam prestar o vestibular por causa da quantidade e do conteúdo do material didático dedicado exclusivamente à prova. Mas o cursinho e a aula da escola são no mesmo horário, e a cada dia ela precisa optar por qual deles irá assistir – costuma escolher o cursinho, pois é onde aprende mais. Apesar de também ser virtual, há menos alunos por turma – aproximadamente 100.

De todo medo e pressão enfrentados por um adolescente nesse período

de vestibular, o mais dolorido é o de não realizar o sonho de não ser aprovado para a faculdade escolhida, o que pode até mesmo abalar a sua saúde mental. “Tenho muito medo de não ser ninguém na vida. Durante a pandemia, fiquei ansiosa para o mundo acabar. Tinha crises de choro frequentes. Por um tempo, passei a não sair do quarto e nem assistir às aulas ou fazer as atividades. Demorei para procurar ajuda, porque tinha medo de admitir para minha família que eu não estava bem. Não quero que eles achem que a culpa é deles.” E quando admitiu seu mal estar, conseguiu procurar ajuda profissional e começar a terapia, mas, depois de alguns meses, precisou parar com as sessões presenciais por conta do novo aumento de casos de covid e o risco de contaminar os familiares. Os pais de Kayane pertencem ao grupo de risco da doença. “Eu estava sempre me cobrando em relação à escola. Não estava me respeitando nem respeitando o tempo, sempre querendo mais.” O colégio também cobrava os alunos para que estudassem em qualquer tempo livre, o que a fez se sentir cada vez mais pressionada. Uma pesquisa feita pela Fundação Lemann¹², divulgada em agosto de 2021, mostrou que 94% das crianças e dos adolescentes tiveram alguma mudança de comportamento durante a pandemia, 56% ganharam peso, 38% ficaram com medo, 44% se sentiram mais tristes e 34% perderam o interesse pela escola.

Kayane sonha em fazer estética, curso que custa, em média, de R\$800 a R\$1200 por mês. “Quero elevar a autoestima das mulheres. Poderia pagar com a pensão que ganho do governo”, explica. Ela é órfã dos dois pais desde pequena. Aos 3, perdeu a mãe para o câncer de mama. O pai, alcóolatra, se foi quando ela tinha 6 anos. Ele se engasgou enquanto comia. Desde então, foi adotada pelo tio, irmão do pai, e passou a morar com ele e a esposa. Apesar de ter um irmão de sangue, sente muito por não vê-lo tão frequentemente, já que ele mora na zona leste da capital paulista, aproximadamente a 40 km de Carapicuíba.

E mesmo com toda a dificuldade e preparação exigida para ingressar no curso superior, concluí-lo é outra realidade distante para os brasileiros. O feito é realizado apenas por 5,1% da população, de acordo com pesquisa da Associação Brasileira de Estágios¹³ divulgada em maio de 2021. A porcentagem sempre foi baixa e, somada à pandemia e à perda educacional que o mundo enfrenta, é provável que o índice piore. A maioria das matrículas, 78,5%, está concentrada na rede privada e, dentro dessa porcentagem, há um

grande número de alunos que precisam abandonar o curso por falta de pagamento ou mensalidades inacessíveis. De outro lado, a preparação exigida pelo vestibular de faculdades públicas também desmotiva os estudantes do Ensino Médio, sobretudo os da rede pública. Apesar das dificuldades, os jovens de 18 a 24 ainda são a faixa etária com maioria no ensino superior, mas apenas 18% deles conseguem começar a faculdade e apenas 17% terminam, de acordo com dados divulgados pelo Instituto Semesp¹⁴, entidade que representa mantenedoras de Ensino Superior do Brasil.

Enquanto bares e restaurantes ficaram abertos durante a maior parte da pandemia no estado de São Paulo, a autorização para a volta às aulas presenciais estaduais demorou a vingar. A medida fez parte da última fase de flexibilização de restrições, 1 ano e 5 meses depois que a Organização Mundial da Saúde (OMS) decretou a pandemia da covid-19 em março de 2020, o que gerou preocupação em relação ao conteúdo que foi perdido, e que, para muitos, não será recuperado. De tantas coisas que ficaram para trás e foram desvalorizadas durante a pandemia, a educação foi uma delas. Enquanto a vida para alguns já voltou ao normal, a de Kayane, que está apenas no começo, já a preocupa. É cedo para falar sobre o futuro de uma juventude que ainda se prepara para vivê-lo, mas, do presente, o que resta é um aprendizado incerto.



Capítulo 4

**“Não sei quanto tempo
de vida tenho”**

Os olhos azuis que me encaravam preenchiam todo o quarto de um apart-hotel conectado ao Hospital do Coração (Hcor), localizado na zona sul de São Paulo. A cor, em contraste com as paredes e os cabelos brancos, ficava ainda mais forte, enquanto as lágrimas escorriam pelo rosto de 67 anos.

Jemara Colombo estava no local há mais de 85 dias, ao lado do marido Luiz Alfredo, internado para tratar uma leucemia descoberta em janeiro de 2021. Ele faleceu duas semanas depois da minha conversa com ela. Morreu aos 70 anos, apenas um mês antes do previsto para receber o transplante de medula óssea, que esperava há seis meses. Era sua única chance de sair curado do hospital.

No dia da entrevista, Jemara não podia imaginar que em 17 dias perderia o marido e companheiro, que esteve ao seu lado por 48 anos, mas também nunca fechou os olhos para a doença no sangue que o acompanhava há seis anos e que evoluiu para o câncer.

Além do marido, Jemara sofreu outra perda repentina e irreparável: o tempo. A pandemia fez com que idosos precisassem ficar em casa pelos riscos de contrair covid-19, especialmente aqueles com o sistema imunológico comprometido. A autonomia que tinham foi arrancada de forma repentina: não poderiam nem ir ao supermercado ou na farmácia, passando a necessitar de ajudas externas para compras e necessidades básicas.

A solução parecia fácil. Chamadas via câmera, troca de mensagens, conectividade a todo tempo pela internet. Mas além da dificuldade com a tecnologia, a geração da atual população idosa não é adepta de contatos distantes. “De um dia pro outro, fomos do contato pessoal para um computador. Sempre via minha neta duas vezes por semana, e passei a não vê-la mais. Estou perdendo esse tempo. Estamos perdendo muita coisa. Sou de uma geração que valoriza muito o beijo, o abraço.”

Dois anos de pandemia podem não parecer muito: passado isso, crianças, adolescentes e adultos serão os mesmos. Ainda jovens, capazes de “recuperar” o tempo perdido. E para quem não tem mais esse tempo? “Vejo que o foco sobre esse assunto é sempre sobre os jovens e como eles estão sofrendo emocionalmente, mas há pouca pesquisa em como nós, idosos, estamos sofrendo. Sentimos que fomos esquecidos”, lamenta.

O tempo passa de diferentes maneiras, quando ele é tudo o que nos resta.

“Estou perdendo anos de vida. Para você, dois anos podem não ser nada. Mas para mim, quantos anos ainda tenho com boa saúde? Dez? Ainda tenho condições de viajar e curtir com meus netos? Se é isso que me resta, agora só tenho mais oito anos. É muito triste pensar nisso. O irmão do Luiz entrou em depressão por não poder ver os netos. Depois de um tempo eu também pensei “que se dane”, se eu tiver que pegar covid, vou pegar, mas não posso deixar de ver minha neta”, desabafa. Assim que o irmão de Luiz Alfredo tomou as duas doses de vacina, convidou toda a família para um churrasco. Aos poucos, Jemara, o marido e outros familiares foram relaxando as medidas. “O irmão de Luiz me disse que preferia morrer do que não ter esse contato familiar. E eu ouvi a mesma coisa de outras pessoas.”

Jemara lamentava pelo tempo que ela sabia que Luiz poderia não ter. Ao vê-lo chorando, ela sentia ainda mais pelas visitas que ele não podia receber por causa da pandemia. “Imagina você morrer e não poder nem ver seu irmão pela última vez? Fico preocupada dele não ter o mesmo tempo que eu”, diz. Antes o casal contava com bastante tempo livre e, mesmo com Luiz doente, aproveitavam para se distrair. Mas as coisas, conforme ele foi ficando depressivo, foram piorando. “A depressão veio depois que ele perdeu a esperança de que ficaria bem. Eu acredito que o câncer é muito ligado ao emocional. Ele dizia que não ia sair daquele hospital. E o fato de estarmos isolados piorava ainda mais.”

Antes de se aposentarem, Jemara e Luiz sempre trabalharam para se manter independentes e ocupados. Ela cursou três anos de Engenharia na Universidade Presbiteriana Mackenzie, mas precisou largar o curso depois da morte do pai e arranjar um emprego às pressas para ajudar a mãe com as despesas da casa. Por ser americana e falar inglês fluentemente, passou a dar aulas, seu trabalho até hoje. Conheceu Luiz ainda na faculdade, e depois dele se formar como engenheiro, moraram por um tempo no Canadá e depois na

França. No meio do caminho, tiveram dois filhos, Jonathan e Christopher. Quando se aposentou, Luiz se tornou artista plástico e, além de pintar quadros, também fazia esculturas.

Um dos programas favoritos que faziam juntos era visitar novos restaurantes e padarias que servissem café da manhã. Toda semana planejavam essas visitas. “Era um programa pelo qual enxergávamos um motivo para ficar ansiosos pelo final de semana. Fazíamos listas de onde gostaríamos de ir. Aproveitávamos para passear pela vizinhança, conhecer outros lugares.” Mas durante a pandemia, sobretudo no período em que a primeira e a segunda onda de casos e mortes estavam em vigor, restaurantes ficaram fechados e, com isso, as visitas ficaram suspensas.

“Quando os clubes voltaram a reabrir foi uma loucura. Encontrei alguns amigos, mais velhos do que eu, e falamos justamente sobre isso. Quantos anos de vida eu tenho? Se eu não me permitir ir ao clube, terei poucos anos de toda forma. Depois de sete ou oito meses do início da pandemia, quando as coisas já estavam melhores, houve muito isso de pensar “a vida é muito curta” e voltarmos a sair um pouco mais. Viajar, ver os amigos, são coisas tão simples da vida que foram tiradas de nós”, conta.

Mesmo vacinada, Jemara não podia se dar ao luxo de sair frequentemente, pois Luiz nunca teve a oportunidade de se vacinar. Por ser paciente em tratamento quimioterápico e possuir baixa quantidade de glóbulos brancos, ele tinha um sistema imunológico muito enfraquecido para receber anticorpos. Desde que ele precisou ser internado por tempo indeterminado, ela passou a dedicar 100% do tempo para ele. Dormiam juntos no hospital, mas ela sempre continuou a dar aulas de inglês a distância. “Durante esse tempo eu parei de olhar para mim e cuidar de mim.” Isso foi algo que ela ouviu da terapeuta a quem passou a consultar mesmo estando no hospital.

- Estou dedicando minha vida toda a ele – respondeu para a terapeuta.

- Mas não pode ser assim. Você precisa se cuidar. Precisa manter a esperança e a confiança, pois ele está em uma boa instituição, está tomando boas medicações – argumentou a profissional.

Apesar da situação, Jemara agradece a seus alunos porque eles conseguem fazer com que ela esqueça, pelo menos por algumas horas do dia, de todo o problema presente em sua vida. Com eles, é possível esquecer a pandemia e

tudo que ela causou ou trouxe: a distância da família, o câncer de Luiz. O trabalho é uma das poucas coisas que a distraem, é o seu maior apoio emocional. “Dar aulas faz com que eu acorde de manhã e sinta que tenho um propósito”.

Uma data da pandemia que ela lembra com certa tristeza foi o Dia das Mães de 2020. “Também era o aniversário do meu filho e, apesar de estar aliviada por encontrá-lo, foi muito triste, porque precisei vê-lo da minha varanda, já que moro no primeiro andar, e ficamos conversando assim por um tempo. Então, eles deixaram um presente pra mim, perto do elevador, e tive que descer para buscar depois que eles já haviam ido embora. Fazia três meses que não nos víamos, mas foi muito especial. Tudo era muito intenso porque filho nenhum queria ser o responsável de passar covid para os pais.” Enquanto os idosos de muitas famílias estavam vacinados já há algum tempo, ainda era necessário o distanciamento uma vez que os demais membros ainda não tinham tomado o imunizante.

Se não fosse pela pandemia, Luiz teria a opção de seguir o tratamento pós-quimioterápico em casa, mas os riscos da covid-19 e o deslocamento que precisaria fazer semanalmente para ir ao hospital fizeram com que os médicos achassem melhor que ele ficasse constantemente em um quarto do hospital. Durante o tratamento, ele precisava tomar injeções diárias de glóbulos brancos e realizar uma sessão de quimioterapia por mês. “Ter um bom plano de saúde fez muita diferença para nós. Eles pagam por tudo, o quarto, o tratamento que custa entre R\$200 mil e R\$300 mil, as injeções diárias que custam R\$3 mil, e outros medicamentos que custam em média R\$20 mil.”

Como qualquer pessoa que passa por alguma dor e procura encontrar razões e motivos que expliquem a situação vivida, Jemara pensa muito sobre a doença de Luiz. Apesar do câncer ser causado por diversos fatores, como substâncias químicas, mutações e hormônios, não há nenhuma ciência por trás do pensamento que atormenta Jemara. Assim como ela, um terço dos brasileiros acredita que o câncer também pode ser causado por trauma psicológico, de acordo com pesquisa do Instituto Oncoguia¹⁵, realizada em 2019.

“Nós nunca conversamos sobre isso, porque eu não queria que esses pensamentos também ficassem na cabeça dele, mas os problemas de sangue do Luiz, que levaram à leucemia, começaram há exatos seis anos, assim que nosso filho Jonathan se mudou para longe. Minha mãe também morreu de

câncer de mama, descoberto logo após a morte da minha irmã pela bulimia. Se é coincidência ou não, eu não sei. Mas eu jamais falaria isso para o meu filho, para ele não ir embora. Milhares de pessoas saem de casa e isso não acontece. Eu me sinto muito culpada de pensar isso, sei que é horrível. Mas eu acredito que a negatividade da nossa mente possa servir de combustível para tumores. Se sua mente pensa em desistir, seu corpo também vai querer desistir. Nosso corpo nos escuta o tempo inteiro”, desabafa, com peso no coração por admitir o que sente.

Ao mesmo tempo que chora pelos anos que se foram, Jemara agradece pelos anos que pode vir a ter. “Ao invés de lamentar os lugares pelos quais não podemos ir, precisamos agradecer pelo que temos. Preciso continuar em frente para ser capaz de curtir as coisas quando tudo isso acabar”, diz.

Nos últimos dias de vida, Luiz ficou em coma por uma semana. Antes disso, ele estava há duas semanas em uma Unidade de Terapia Semi-Intensiva. Mesmo ligado a diversas máquinas, não conseguiu resistir. Algumas horas antes do falecimento, o médico chamou Jemara e o filho para se despedirem, pois precisavam desligar os equipamentos. Luiz se juntou às mais de 4700 vítimas da leucemia no Brasil, de acordo com dados do Instituto Nacional do Câncer¹⁶ de 2017, que também apontam que, entre 2020 e 2022, mais de 10 mil casos de leucemia serão diagnosticados.



Capítulo 5

“Eu lutei tanto. Por que ele não lutou também?”

**A pedido das personagens entrevistadas, os nomes utilizados neste perfil são fictícios.*

A caminho de seu apartamento, Lívia decide ligar para o ex-sogro.

- Tira o Danilo de casa, ninguém aguenta mais - ela suplica, depois de receber uma ligação da filha mais velha, Camila, de 15 anos, que estava aos prantos por conta de uma briga com o pai.

A separação já havia sido discutida há três meses, mas o marido se recusava a aceitar e alegava que se, alguém fosse sair, teria de ser a esposa e as filhas (além de Camila, a mais nova, Julia, de 11 anos). Durante esse período, dormiam separados – ele, no quarto do casal, ela, no sofá da sala.

Não foi o que Lívia sonhou para si. Arquiteta e aos 49 anos, não conseguiu finalizar o projeto para o qual mais se dedicou: alguém para envelhecer junto. Com 53 anos, Danilo, um economista que, segundo Lívia, “sempre tentou resolver tudo na base do dinheiro”, não conseguiu calcular os riscos de seu comportamento, com foco extremo no trabalho e pouca dedicação à família. Os presentes e o suporte material não foram capazes de substituir o afeto e a atenção que Lívia e as filhas demandavam.

- Se você não sair, amanhã vai ter um oficial de Justiça aqui. Não tem mais motivo pra ficarmos juntos – avisou a arquiteta, com o coração apertado pelo ponto final que dava ao casamento de 20 anos.

A família, apesar de estar sob o mesmo teto, já não fazia refeições em conjunto. As brigas pioravam conforme as meninas iam crescendo e percebiam os abusos psicológicos e as discussões. Danilo já não era mais o homem carinhoso que Aline conheceu por acaso, através de um encontro articulado pela prima.

O amor desgastou-se com o tempo e, com os extremos da convivência

entre os dois dentro de casa, intensificados pela quarentena, acabou caminhando para o esgotamento. Lívia e Danilo viraram parte de uma estatística que cresceu durante a pandemia da covid-19. Ao optarem pelo divórcio em novembro de 2020, um mês antes de completarem 20 anos de matrimônio, juntaram-se aos mais de 29.900 mil brasileiros que se separaram nos primeiros cinco meses de 2021, um aumento de 26% em relação ao mesmo período de 2020 – ano em que o número de divórcios bateu recorde no segundo semestre. Foram 43 mil processos contabilizados, de acordo com levantamento do Colégio Notarial do Brasil¹⁷ – número 15% maior em relação ao mesmo período de 2019. Apesar de São Paulo, estado em que Aline e Danilo residem, ter ocupado o 1º lugar no ranking de processos, outros 22 estados e o Distrito Federal também registraram alta de divórcios.

Convivência e confinamento não deveriam ser um problema para casais apaixonados, mas para muitos virou um galtilho. Foi dentro de casa que a mudança de comportamento veio e as palavras ficaram mais bruscas. A distância corporal aumentou mesmo em um único cômodo, e uma história de vida passou a ser questionada.

O desgaste na relação começou a surgir ainda antes da pandemia, quando Danilo ficou desempregado em diferentes momentos ao longo de mais dois anos: um período entre o ano de 2015 e 2016, e depois entre 2017 e 2018. Durante esse tempo, passou a ficar mais tempo com a mulher e as filhas. Mas enquanto sua presença física era mais constante nesses momentos, quando ele conseguia um emprego, ocorria exatamente o contrário: a ausência enquanto pai e marido. Foram os dois lados limites da relação – o confinamento forçado pela pandemia e mais uma demissão em fevereiro de 2020 que fizeram com que o desejo da separação viesse à tona.

As demissões de Danilo também geraram uma inversão de papéis, o que fez com que ele precisasse participar de uma rotina familiar que não conhecia devido ao seu foco constante no trabalho. Nessa nova realidade, enquanto Lívia saía todos os dias para trabalhar, ele ficava em casa cuidando das meninas. “A família sempre esteve em segundo plano quando ele estava focado em algum trabalho, então devia incomodar muito ele me ver como provedora da casa. Isso é um peso muito grande.”

A presença constante em casa durante a pandemia e o convívio com as filhas, que pararam de ir à escola, fizeram com que Danilo começasse a lidar

com frustrações em sua nova rotina. “Ele passou a criticar muito todas nós, reclamava das coisas da casa, reclamava da comida.” Por ser autônomo e trabalhar com abertura de startups, ele dependia muito de clientes, que nem sempre apareciam. “Quando ele arrumava um emprego, era um alívio para nós, até para ele sair um pouco de casa mesmo.” Mas durante a pandemia, a falta de clientes sempre o atormentava. “Ele tinha aquela empolgação de fazer entrevistas de emprego, que, quando não davam certo, o deixavam ansioso e angustiado.”

Lívia já vinha acumulando anos conturbados na relação. Com o tempo, Danilo passou a apresentar mudanças constantes de comportamento, que, somadas às trocas de emprego – e falta dele – culminaram em depressão e problemas com álcool – um período em que ambos decidiram se separar por cinco meses (isso em 2015). Durante essa época, a depressão foi intensificada por problemas de saúde depois que Danilo caiu e quebrou a coluna e também descobriu uma artéria entupida no coração. Ao mesmo tempo, passou a misturar remédios com bebida para fazer com que as dores parassem, comer e dormir em demasia e ficar sempre em casa. A introspecção e outros distúrbios de comportamento enfrentados por ele também atingiram novos níveis conforme a depressão foi ficando pior, o que o levou a buscar ajuda psiquiátrica. Apesar de Danilo alegar que nunca foi diagnosticado com nenhuma doença psicológica, Lívia diz que percebia sintomas de bipolaridade e síndrome de borderline – doença caracterizada por transtorno de personalidade, normalmente acompanhada de depressão e extrema instabilidade emocional. Isso poderia explicar as diversas mudanças de humor, agressividades e mentiras.

Pelas filhas, que na época eram pequenas, Lívia decidiu dar mais uma chance a Danilo, que passou a frequentar uma igreja e prometeu que mudaria. No início, as mudanças realmente aconteceram, mas o desemprego, a instabilidade emocional e os ataques verbais voltaram a dificultar a relação.

O cenário era constante: Emprego = ausência; desemprego = convivência insuportável. Um mês antes da pandemia, ele (o cenário) se repetiu. Danilo perdeu o emprego e passou a ficar em casa. As mudanças comportamentais pioram. Os desentendimentos se intensificam - dessa vez, não apenas com Lívia, mas com Camila e Júlia. Ele e as filhas, que passaram a ter aulas remotas, começaram a perceber situações que, enquanto crianças, não podiam

notar.

Lívia sempre tentou lutar pela família. Passou a enxergar o que já estava nítido nos olhares de compaixão das meninas.

- Mãe, você não merece ficar com ele. Você merece uma outra pessoa. Um cara legal, um namorado bacana.

Lívia se recorda com tristeza e preocupação da frase que ouviu de Camila, ainda antes de pedir o divórcio, quando a filha mais velha tinha 14 anos. “Eu pensei, meu Deus. Ela está falando isso dos próprios pais. Foi difícil de ouvir.”

Com a dor compartilhada pelas filhas, o coração de Lívia partiu pela segunda vez. A gota d’água foi vê-las afetadas e desgastadas pela relação dos pais. “Quando eu vi que elas já estavam quase pedindo para eu me separar, eu soube que elas aguentariam o tranco e que não seria um trauma, como foi da outra vez.”

E mesmo com tanta dor e dificuldade enfrentadas por 20 anos, o sentimento que transparece é o de injustiça, de uma família que tinha tudo para ser feliz. “Eu lutei tanto. Por que ele não lutou também?”, Lívia questiona. “Estou em paz, mas não feliz. A gente não casa pensando em se separar. Fazíamos planos para a velhice. Eu queria isso pra mim, mas não tivemos esse final. Pensava que ele seria o homem que eu passaria o resto da minha vida.”

E se a separação durante uma pandemia pode se tornar ainda mais difícil pela falta de contato, Lívia não sentiu esse problema, uma vez que a ausência já fazia parte de sua vida. “Eu já estava sozinha há muito tempo. Ele era um peso do meu lado. Mas se algo me faz falta, é ter alguém para trocar ideia junto. Eu vivia um casamento sem liberdade, e hoje essa liberdade não tem preço.”

Preço esse que Danilo sempre tentou pagar a todo custo para suprir o distanciamento entre ambos. Mas bastava que ele fosse um companheiro e continuasse com a sintonia que ambos outrora tiveram, sempre capazes de, na troca de um olhar, identificar o que o outro queria ou pensava, como lembra Lívia ao falar do ex-marido: “me apaixonei por uma pessoa carinhosa, doce, que se preocupava comigo, que era meu parceiro. Isso me dá tanta saudade. Mas essa pessoa morreu faz muito tempo. Quando não estava desempregado, era viciado em trabalho, e nós ficamos para depois.”

Apesar de estarem formalmente separados desde o início de 2021, Lívia sofre em ver o descaso do pai com as filhas. “Até agora, seis meses depois, se ele procurou vê-las cinco vezes foi muito – e todas deram em briga.” Ela sente ao comparar a última separação com a anterior, de 2015, que teve um final diferente. Enquanto há seis anos ambos conversavam para tentar retomar a relação, agora Lívia vê no ex-marido apenas alguém que tenta proteger a si mesmo. “Ele dizia que não iria sair de casa, que não iria dar dinheiro nenhum, que iria pagar apenas a escola das meninas. Ele se protegeu usando o financeiro, que é a única arma que ele tem.”

Para a ex-mulher e as filhas, Danilo alega estar sem trabalho, mas, no momento de encontrá-las, diz estar trabalhando. E ao mesmo tempo que afirma estar sem dinheiro para dar, também se hospeda em hotéis. “Eu sinto pena, vejo que ele está se perdendo, ficando endividado com os advogados que contratou para o divórcio. Ele tira o dinheiro das nossas filhas pra fazer isso. Já está no terceiro advogado, e não conseguimos entrar em nenhum acordo.”

O contato de ambos passou a ser apenas no âmbito jurídico. Das vezes que Lívia tentou falar com o ex-marido sobre a relação com as filhas, que percebiam as mentiras e a ausência do pai, apenas ouviu que ela o acusava sem provas, que o jogava contra as filhas e que ele iria levar tudo para o juiz. Quando questionado pela filha mais nova, Júlia, sobre seus sumiços e o desrespeito com a mãe, Danilo apenas respondeu: “você não sabe de nada”. Mas a filha rebateu com a mesma frieza: “eu sei de coisas que eu nem deveria saber”.

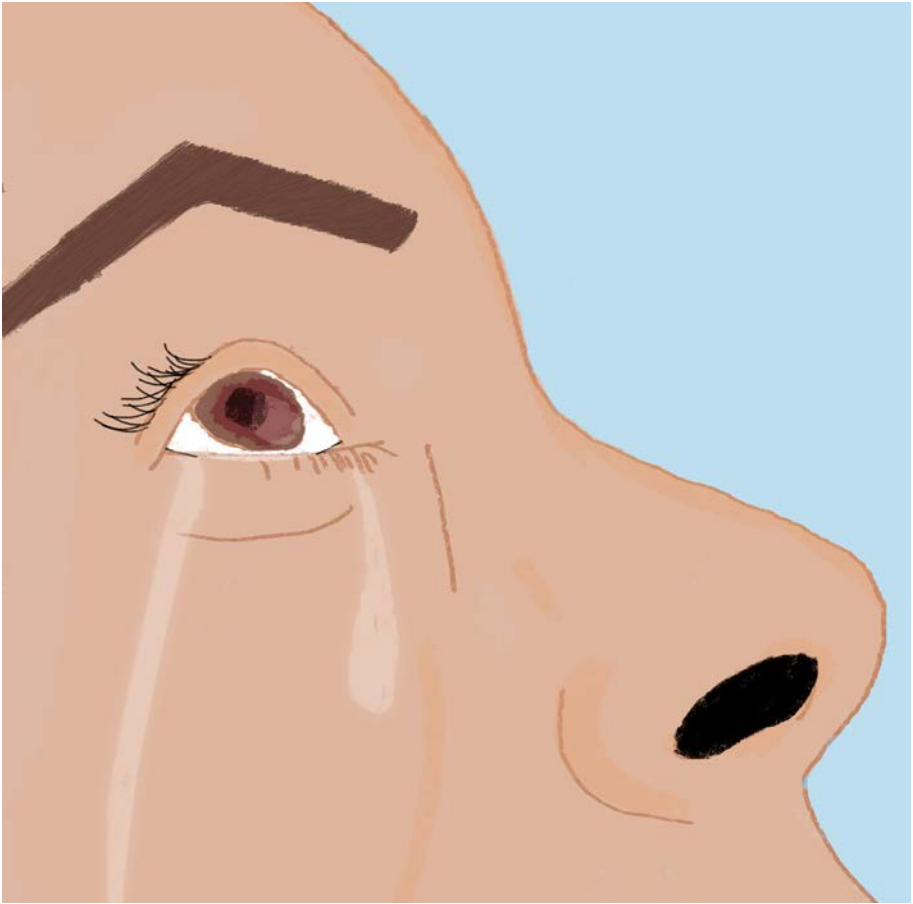
Muitas das respostas dadas hoje em dia, o relacionamento tóxico, as mentiras e os surtos de raiva fizeram com que Lívia percebesse que Danilo sempre foi assim. “Eu achava que ele jamais falaria comigo dessa maneira, mas na realidade não existe diferença”. As grosserias e ameaças que o economista fazia com outras pessoas, também passou a fazer com a esposa. “Como quando ele falava ‘eu vou processar vocês’ para os outros. Hoje ele fala para mim”, diz decepcionada. “Eu não imaginava que no momento de briga ou de estresse ele agiria assim comigo”. A arquiteta acabava relevando certos comportamentos, enquanto ainda estavam casados para evitar desgastes. “Todo mundo fala que a gente conhece a pessoa de verdade quando a gente se separa, né? Acho que estou conhecendo ele de verdade agora. Não que eu estivesse cega para tudo isso, é que, se no casamento você não fecha os olhos

para algumas coisas, você não fica casada. Mas uma hora cansa.”

E para uma mulher casada a quem nunca faltou nada, Livia passou a valorizar ainda mais as pequenas coisas que nunca foram prioridade na relação. “Sempre ganhei joias, viagens, mas falava para ele que o queria como parceiro. A gente não precisa de quase nada, a gente só precisa ter bom humor e boa vontade para viver. Só isso. Hoje, eu posso respirar um ar que muita gente não conseguiu.”

Das muitas saudades que podem ficar de uma relação acabada, a que mais pesa é a companhia. “Sinto falta de ter alguém do meu lado, pra poder perguntar ‘como é que a gente vai fazer agora?’. Algumas decisões agora são exclusivamente minhas. Isso dá um pouco de frio na barriga.”

Em um divórcio, nunca há um só motivo para a separação e duas almas que ainda se amam lutam para se entender a todo instante, mudar comportamentos e ficar juntas. O convívio na pandemia serviu para que o que parecia inativo viesse totalmente à tona. De longe, Livia ficou com as únicas riquezas que, na visão dela, Danilo não aprendeu a investir: os filhos. No mais, só a lembrança de um amor distante.



Capítulo 6

**“É como se eu quisesse
vomitar a tristeza”**

“É como se eu estivesse me vendo em um espelho, apontando pra mim mesma e pensando ‘isso aqui tá errado’”, desabaфа Aline Cimadon, 26.

A tristeza profunda que marca seu olhar não é só alimentada pela depressão que a acompanha há 11 anos: ela foi intensificada pela pandemia. As crises de ansiedade tornaram-se constantes, afetando seu trabalho, os estudos e seu relacionamento. Elas são marcadas pelo sentimento de inferioridade, remorsos com atitudes do passado e a preocupação com o futuro. “Depois disso vem um vazio imenso, seguido de choro e muita falta de ar. A ansiedade dói, sabe? Você sente como se tivesse engasgado, como se estivesse queimando por dentro. É como se eu quisesse vomitar a tristeza”, explica.

O rosto cansado, vermelho e manchado, por espremer compulsivamente acne e cravos, entregam seu desequilíbrio e as noites mal dormidas. O cabelo preso é estratégico para esconder a falha dos fios que se apegaram ao chão. O escuro do quarto e o uso do moletom preto também dizem muito sobre o desejo de querer se esconder. Os headphones que cobrem completamente os ouvidos servem para abafar o barulho externo e focar no som do próprio desabafo, reprimido por tantos anos.

Parte da dor de se sentir depressiva e ansiosa também vem de muitas vezes não saber a origem do sentimento que a atormenta. “A crise é um vazio de emoções. Penso ‘por que eu estou triste?’ e não sei responder. Hoje mesmo tive uma crise de ansiedade sem motivo. Me senti triste do nada.”

Aline trava uma batalha constante com o psicológico que não a deixa relaxar. Sua mente se sente sempre culpada. “Se eu deito na cama, já começo a me sentir improdutiva, me culpo por achar que eu deveria estar fazendo algo.”

Ela trabalha como recepcionista na Unidade de Pronto Atendimento (UPA) de Taboão da Serra, cidade na grande São Paulo, que passou a rece-

ber diversos casos de covid-19. Preocupada em pegar a doença e passar para a mãe e para o namorado que tinha na época, que fazem parte do grupo de risco, e sobrecarregada por atender todos os dias diversas pessoas aflitas, precisou tomar injeções de antidepressivo no hospital. “É muito difícil ver as pessoas chorando e sofrendo. Cheguei a escutar de pacientes: ‘pede pra Deus me levar, eu já vivi demais’. Ouvir isso quando você já é uma pessoa depressiva pesa muito.”

O sentimento de tristeza começou aos 9 anos. Aos 15, foi diagnosticada com depressão e aos 16 passou a ser medicada. “Comecei a tomar antidepressivo (Fluoxetina) e remédio para dormir, mas parei de tomar depois de um ano, quando engordei 23kg e ouvia do meu ex-namorado que eu estava gorda. Hoje não volto a tomar, porque não quero engordar, e também porque eu não poderia pagar pelo remédio. No SUS (Sistema Único de Saúde) é muito difícil conseguir acompanhamento semanal, quanto mais mensal”, explica.

Apesar do acompanhamento psicológico não ser uma realidade economicamente possível para Aline, uma pesquisa de 2020 da Associação Brasileira de Psiquiatria¹⁸ mostrou que 59% dos psiquiatras do país perceberam aumento de 25% em seus atendimentos desde o início da pandemia, sendo que 82,9% de seus pacientes apresentaram agravamento do quadro. A Organização Mundial da Saúde (OMS) já considerava o Brasil como o país mais ansioso do mundo desde 2017, com 9,3% da população relatando sofrer com o transtorno. A pandemia serviu para aumentar esse índice. Uma pesquisa de 2020 da Universidade Federal do Rio Grande do Sul¹⁹ (UFRGS) mostrou que 80% das pessoas relataram ter ficado ainda mais ansiosas, com o isolamento e outras condições impostas pela pandemia.

“Eu fico com um sentimento de querer me machucar. Tem pessoas que se cortam e outras que arrancam o cabelo. Eu tenho um pouco dos dois. Enquanto a pandemia não acabar, eu vou continuar tendo esses altos e baixos”, confessa, acrescentando que tem crises de ansiedade, em média, a cada dois meses, mas que passaram a durar semanas desde 2020.

“Antes de dormir, começo a pensar sobre as contas que preciso pagar. Mas em vez de me levantar e pagar a conta, fico sofrendo pensando nela. E não durmo. Acho que todo ansioso faz isso. Ele coloca bloqueios que não existem”, completa.

O trabalho como recepcionista para Aline representa algo temporário, apesar de já atuar na função há quatro anos. Ela precisa do dinheiro para cursar o Ensino Superior que tanto almeja.

No mês anterior à pandemia, em fevereiro de 2020, mudanças importantes aconteceram: o esperado início do curso técnico e o primeiro relacionamento depois de terminar um namoro abusivo de oito anos. Mas a covid-19 veio para, além de agravar sua saúde mental, levar o início de um amor e o começo do curso técnico.

O curso técnico em Desenvolvimento de Sistemas na Escola Técnica de Taboão da Serra deu lugar ao sonho de se formar em biblioteconomia, depois que Aline não conseguiu passar na Universidade de São Paulo (USP). “Na ETEC consegui entrar em terceiro lugar. O que me ajudou foi estudar os trabalhos anteriores, porque como eu já tinha terminado a escola há muitos anos e não lembrava de quase nada, e a escola pública em geral não tem um ensino para te preparar para o vestibular. Se quiser passar, tem que fazer cursinho, estudar sozinho por anos”, argumenta.

Aline decidiu trancar o curso depois de três semestres pela dificuldade em estudar remotamente. “Era um curso muito difícil. Eu já não conseguia absorver nada e a pandemia me afetou de uma forma que eu não conseguia assistir à aula, não conseguia estudar. Eu via o símbolo do Microsoft Teams e já sentia pânico, começava a tremer. Isso fez com que eu reprovasse nas matérias”, conta.

Aline começou a sofrer pelo tempo que ia passando, sem nada além do ensino médio no seu currículo e sem oportunidades que pagassem mais do que o salário-mínimo que ganha na UPA e que a ajuda a sustentar a casa onde mora com a mãe. Por esse motivo, nunca pôde adquirir experiência do curso técnico fazendo um estágio, que pagava metade do salário atual. “Eu também tinha medo de pegar covid e deixar minha mãe desamparada. Ela também sofre de depressão e está desempregada”, diz.

Já o relacionamento, que teve seu início também no mês anterior à pandemia, tornou-se uma lembrança distante. Aline começou a namorar em fevereiro quando a pandemia estouraria em março. Com o ex-companheiro fazendo parte do grupo de risco e ela diariamente sendo exposta à covid na UPA, ficaram sem se ver até outubro de 2020, quando precisou de ajuda para levar a gata doente no veterinário. “Nos encontramos nesse dia, mas

nem ao menos nos beijamos, mesmo há meses sem nos vermos, por conta da estranheza. Ali vimos que não dava pra continuar, pela distância”, relata, com pesar.

Aline também não tem boas lembranças do relacionamento dos pais e isso, de alguma forma, colabora para seu quadro de depressão, embora hoje eles estejam separados. “Meu pai batia na minha mãe. Já bateu nela na nossa frente. E essa é uma das primeiras lembranças que eu tenho da minha infância, quando eu tinha cinco anos. Ele deu uma mordida nela que deixou até cicatriz. Quando meu irmão ficou mais velho, entrou na minha frente e da minha irmã para a gente não ver as cenas, e pediu para minha mãe se separar. Ela fez sete denúncias contra ele, mas que nunca deram em nada. Muita gente fala que é só denunciar, mas não é”, diz Aline, com a voz amargurada por tudo que viu e pelas traições que sabe que aconteceram. Hoje, já não tem mais contato com pai, que é alcoólatra, apesar de morar no mesmo conjunto de casas, construídas por ele.

Depois de completar 18 anos, parou de receber a pensão do pai e passou a trabalhar em telemarketing, para se sustentar. Apesar do salário baixo, encontrou um pouco mais de estabilidade financeira. “Já chegamos a ter só arroz e feijão pra comer em casa, numa época que precisamos comprar alguns remédios para a minha irmã. Sobrevivíamos com R\$900 de pensão. Não sobrava quase nada pra comida, então, tínhamos que racionar. Nós três (ela, a mãe e a irmã) dividíamos uma omelete.”

Aline sofre pela depressão da mãe e pela história de vida que sabe que ela teve. “O sonho da minha vida é ver a minha mãe feliz, porque eu sinto que ela nunca foi realmente.”

Os problemas na estrutura familiar refletiram-se na escola. Ela repetiu o primeiro ano por falta. A vontade de dar um fim a tudo sempre esteve ao seu lado. “Eu tenho pensamentos suicidas desde que sou criança. Eu tinha 12 anos quando tentei me matar pela primeira. Quis pular do quarto andar, do apartamento onde eu morava. Eu só pensava em acabar com tudo, porque eu via a minha mãe sofrendo e meu pai não fazia nada pra ajudar. Nós vivíamos brigando, passando dificuldade. Hoje eu ainda me sinto com 12 anos. Só quero acabar com todo esse sofrimento que estamos vivendo.”

Uma em casa 100 mortes no mundo têm como causa o suicídio, de acordo com estimativas da Organização Mundial da Saúde²⁰, publicadas em ju-

nho de 2021. São cerca de 700 mil vidas por ano, sendo a quarta causa de morte entre os jovens de 15 a 29 anos.

No Brasil, dados do Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2021²¹, divulgado em julho de 2021, mostram que o número de suicídios no país em 2020 foi de 12.895, aumentando 0,4% em relação a 2019. Também em 2020, os casos de depressão tiveram um aumento de 90%, sobretudo entre jovens, de acordo com estudo da Universidade do Estado do Rio de Janeiro²², divulgado pela revista *The Lancet*. Em nível mundial, 280 milhões de pessoas vivem com a doença, mas apenas 0,5% são diagnosticadas.

A palavra impotência resume a vida de Aline. Ela se sente frustrada por não conseguir ajudar o mundo, a mãe e a si própria. E esse sentimento só aumentou com os dias de isolamento. “Não me sentia amada, não tinha ninguém pra conversar, para compartilhar os momentos. São coisas que contam muito pra quem vive com depressão.”

Referências

1. DAMASCENO, Victoria. Mais de 125 milhões de brasileiros sofreram insegurança alimentar na pandemia, revela estudo. **Folha de São Paulo**, 13 abr. 2021. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2021/04/mais-de-125-milhoes-de-brasileiros-sofreram-inseguranca-alimentar-na-pandemia-revela-estudo.shtml>>. Acesso em: 15 nov. 2021.
2. NERI, Marcelo C. Bem-Estar Trabalhista, Felicidade e Pandemia. **FGV Social**. Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: <<https://cps.fgv.br/FelicidadeNaPandemia>>. Acesso em: 15 nov. 2021.
3. VIECELI, Leonardo. Taxa de desemprego fica em 14,7%, nível recorde no país. **Folha de São Paulo**, 30 jun. 2021. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2021/06/taxa-de-desemprego-fica-em-147-nivel-recorde-no-pais.shtml>>. Acesso em: 15 nov. 2021.
4. ROLNIK, Raquel; LEITÃO, Karina; COMARU, Francisco; LINS, Regina Dulce. Observatório de remoções 2015 - 2017: relatório final do projeto. **LABCIDADE FAUUSP, LABHAB FAUUSP E LABJUTA UFABC**. São Paulo, 2017. Disponível em: <http://www.labcidade.fau.usp.br/wp-content/uploads/2017/12/1707OR_publicacaofinal_revDigital_menor.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2021.
5. JORNAL NACIONAL. Número de famílias despejadas de casa cresce 340% na pandemia. **G1**, 24 ago. 2021. Disponível em: <<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2021/08/24/numero-de-familias-despejadas-de-casa-cresce-340percent-na-pandemia.ghtml>>. Acesso em: 24 ago. 2021.
6. PREFEITURA DE SÃO PAULO. **Prefeitura de São Paulo divulga Censo da População em Situação de Rua 2019**. São Paulo, 21 jan. 2020. Disponível em: <<https://www.capital.sp.gov.br/noticia/prefeitura-de-sao-paulo-divulga-censo-da-populacao-em-situacao-de-rua-2019>>. Acesso em: 15 nov. 2021.
7. NATALINO, Marco. ESTIMATIVA DA POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA NO BRASIL (SETEMBRO DE 2012 A MARÇO DE 2020). **Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada**. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/nota_tecnica/200612_nt_disoc_n_73.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2021.

8. SECRETARIA DA EDUCAÇÃO DO ESTADO DE SÃO PAULO. **Pesquisa Datafolha aponta que 75% dos estudantes estão tristes, ansiosos ou irritados com o confinamento.** São Paulo, 06 ago. 2020. Disponível em: <<https://www.educacao.sp.gov.br/pesquisa-datafolha-aponta-que-75-dos-estudantes-estao-tristes-ansiosos-ou-irritados-com-o-confinamento/>>. Acesso em: 15 nov. 2021.

9. TRIBUNAL DE CONTAS DO ESTADO. **Metade dos alunos da rede pública do estado não acessou vídeo aulas.** São Paulo, 03 mar. 2021. Disponível em: <<https://www.tce.sp.gov.br/6524-metade-alunos-rede-publica-estado-nao-acessou-videoaulas>>. Acesso em: 19 ago. 2021.

10. TOKARNIA, Mariana. Mais de 5 milhões de crianças e adolescentes ficaram sem aulas em 2020. **Agência Brasil.** Rio de Janeiro, 29 abr. 2021. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2021-04/mais-de-5-milhoes-de-criancas-e-adolescentes-ficaram-sem-aulas-em-2020>>. Acesso em: 15 nov. 2021.

11. MARIZ, Renata. Conselho Nacional de Educação recomenda evitar reprovação de alunos em 2020. **O Globo.** 07 ago. 2020. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/brasil/conselho-nacional-de-educacao-recomenda-evitar-reprovacao-de-alunos-em-2020-24519859>>. Acesso em: 27 out. 2021.

12. FUNDAÇÃO LEMANN. **94% dos estudantes mudaram o comportamento na pandemia.** 02 ago. 2021. Disponível em: <<https://fundacaolemann.org.br/noticias/94-dos-estudantes-mudaram-o-comportamento-na-pandemia>>. Acesso em: 15 nov. 2021.

13. MEDIA LAB ESTADÃO. **Segundo dados, apenas 5% da população brasileira possui curso superior concluído.** 24 ago. 2021. Disponível em: <<https://patrocinados.estadao.com.br/medialab/releaseonline/release-geral-releasegeral/segundo-dados-apenas-5-da-populacao-brasileira-possui-curso-superior-concluido-2/>>. Acesso em: 15 nov. 2021.

14. INSTITUTO SEMESP. **Mapa do ensino superior no Brasil.** 10ª ed. Disponível em: <<https://www.semesp.org.br/wp-content/uploads/2020/04/Mapa-do-Ensino-Superior-2020-Instituto-Semesp.pdf>>. Acesso em: 15 nov. 2021.

15. ONCOGUIA. **Para 1/3 dos brasileiros câncer é causado por trau-**

ma psicológico. 16 abr. 2019. Disponível em: <<http://www.oncoguia.org.br/conteudo/para-1-3-dos-brasileiros-cancer-e-causado-por-trauma-psicologico/12684/42/>>. Acesso em: 15 nov. 2021.

16. SÃO CAMILO ONCOLOGIA. **Leucemia deve atingir mais de 10 mil pessoas no Brasil este ano.** 20 fev. 2020. Disponível em: <<https://ibcc.org.br/leucemia-deve-atingir-mais-de-10-mil-pessoas-no-brasil-este-ano/>>. Acesso em: 15 nov. 2021.

17. COLÉGIO NOTARIAL DO BRASIL. **CONJUR: número de divórcios explode na pandemia e gera oportunidades de negócio.** 03 mar. 2021. Disponível em: <https://www.cnbsp.org.br/?url_amigavel=1&url_source=noticias&id_noticia=20820&lj=1920>. Acesso em: 15 nov. 2021.

18. ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSIQUIATRIA. **Atendimentos psiquiátricos no Brasil sofrem impacto da pandemia de Covid-19.** 11 maio. 2020. Disponível em: <<https://www.abp.org.br/post/atendimentos-psiquiatricos-no-brasil-sofrem-impacto-da-pandemia-de-covid-19>>. Acesso em: 21 set. 2021.

19. UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. **As sequelas emocionais da pandemia.** 22 out. 2020. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/ufrgs/noticias/as-sequelas-emocionais-da-pandemia>>. Acesso em: 15 nov. 2021.

20. ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. **Uma em cada 100 mortes ocorre por suicídio, revelam estatísticas da OMS.** 17 jun. 2021. Disponível em: <<https://www.paho.org/pt/noticias/17-6-2021-uma-em-cada-100-mortes-ocorre-por-suicidio-revelam-estatisticas-da-oms>>. Acesso em: 27 out. 2021.

21. MANIR, Mônica. Setembro Amarelo: estudos mostram índices de suicídio estáveis na pandemia. **CNN Brasil.** São Paulo, 01 set. 2021. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/saude/setembro-amarelo-estudos-mostram-indices-de-suicidio-estaveis-na-pandemia/>>. Acesso em: 15 nov. 2021.

22. UNIVERSIDADE ESTADUAL DO RIO DE JANEIRO. **Pesquisa da Uerj indica aumento de casos de depressão entre brasileiros durante a quarentena.** Disponível em: <<https://www.uerj.br/noticia/11028/>>. Acesso em: 15 nov. 2021.

O vírus da covid-19 tirou a vida de milhares de pessoas. Mas não só. Também fez vítimas que precisaram seguir com suas vidas ao mesmo tempo que lidavam com perdas materiais e imateriais decorrentes da pandemia. Um ano e seis meses depois, as problemáticas continuam, e os relatos vão muito além do luto que pode surgir como tema do livro. A angústia também está por trás daqueles que perderam a casa, o amor, a educação, a saúde mental, a renda e o próprio tempo. 'Dias intermináveis' retrata a sensação de eternidade presente em um período coberto de incerteza – e inicialmente previsto para durar duas semanas.